

AS MARCAS PATRIARCAIS PRESENTES NA TRAJETÓRIA DE ORIBELA NO ROMANCE *DESMUNDO*

Júlia Mengues Picolotto

Universidade Tecnológica
Federal do Paraná (UTFPR)

juliamenguespicolotto@alunos.utfpr.edu.br

Marcos Hidemi de Lima

Universidade Tecnológica
Federal do Paraná (UTFPR)

mhlima@professores.utfpr.edu.br

Resumo

O presente estudo tem como corpus de análise o romance *Desmundo*, de Ana Miranda (1996), retratando o século XVI pela ótica da narradora-personagem Oribela, que chega ao Brasil em uma nau portuguesa. Por meio da narrativa, acompanha-se os percalços e vivências da protagonista, bem como seus pensamentos e interesses frente ao mundo desconhecido que se revela a partir do momento em que aporta em terras brasileiras. Objetiva-se, portanto, valendo-se deste romance, analisar algumas marcas patriarcais no matrimônio de Oribela e Francisco de Albuquerque e a perspectiva da própria personagem em relação às mudanças que envolvem sua existência em meio tão diverso. Subsidiarão teoricamente esta discussão Mary Del Priore (2009; 2011), Boris Fausto (1995), Gilberto Freyre (2006) e Roberto Reis (1987), no que se circunscreve ao contexto histórico e aos aspectos literários no romance. Além destes autores, o trabalho apoia-se nas reflexões de Antonio Candido (1980) sobre texto e contexto e a internalização de valores patriarcais na narrativa. Como resultado das discussões efetuadas neste artigo, apresenta-se um esboço da lógica masculina do século XVI e a situação de opressão vivida por Oribela.

Palavras-chave: Matrimônio; Relação entre os Personagens; Perspectiva da Narradora-personagem.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-18
----------------------------	-------------	-------	------	------

Júlia Mengues Picolotto

Acadêmica do Curso de Letras – Português e Inglês na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), campus de Pato Branco.



lattes.cnpq.br/9275525246043000



orcid.org/0009-0008-5683-4991

Marcos Hidemi de Lima

É doutor em Letras, docente do Curso de Letras (Português-Inglês) e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), campus de Pato Branco.



lattes.cnpq.br/0230003569520230



orcid.org/0000-0001-9762-1775

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-18
----------------------------	-------------	-------	------	------

AS MARCAS PATRIARCAIS PRESENTES NA TRAJETÓRIA DE ORIBELA NO ROMANCE *DESMUNDO*

Júlia Mengues Picolotto

Universidade Tecnológica
Federal do Paraná (UTFPR)

juliamenguespicolotto@alunos.utfpr.edu.br

Marcos Hidemi de Lima

Universidade Tecnológica
Federal do Paraná (UTFPR)

mhlima@professores.utfpr.edu.br

INTRODUÇÃO

O romance *Desmundo* (1996), da escritora brasileira Ana Miranda, escrito em forma de diário, retrata a história de Oribela, narradora-personagem que descreve sua chegada no Brasil em pleno século XVI em uma nau portuguesa. Assim, Oribela se depara com um espaço atípico em relação ao seu local de origem, motivo pelo qual inúmeros conflitos irão se desenvolver na narrativa. Diante disso, a narradora-personagem demonstra as divergências entre crenças e valores, pensamentos e sentimentos, frutos das mudanças relacionadas às realidades sociais e econômicas diferentes do país de origem e do país para onde foi enviada. Vale observar que tais valores se refletem nas suas atitudes, nas inúmeras situações no decorrer do romance, contradizendo a posição social imposta à mulher durante o processo de colonização.

Em conformidade com esse contexto, busca-se analisar algumas marcas patriarcais que marcam a trajetória da narradora-personagem, como: o matrimônio e a relação entre Oribela e Francisco de Albuquerque, além da perspectiva da protagonista frente às mudanças diárias de sua vida. Para tratar sobre tais questões, serão empregadas as reflexões de Antonio Candido (1980), no que concerne às distinções entre texto e contexto. Além disso, há as contribuições teóricas de Mary Del Priore (2009; 2011), Gilberto Freyre (2006), Boris Fausto (1995) e Roberto Reis (1987), em função das questões históricas e literárias retratadas no romance *Desmundo*, bem como os elementos patriarcais e históricos que são internalizados na medida que a narrativa se desenvolve segundo a proposta de Candido (1980).

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-18
----------------------------	-------------	-------	------	------

A CONDIÇÃO HISTÓRICA DO BRASIL NO SÉCULO XVI

Inúmeras transformações econômicas e sociais marcaram o processo de colonização no Brasil com a chegada dos portugueses no século XVI. Revelando-se, segundo Gilberto Freyre (2006, p. 65), em *Casa-Grande e Senzala*: “[...] A base, a agricultura; as condições, a estabilidade patriarcal da família, a regularidade do trabalho por meio da escravidão, a união do português com a mulher índia, incorporada assim à cultura econômica e social do invasor”. Dessa forma, remonta-se às principais bases que mantiveram a colonização portuguesa durante o século XVI, tais como a família patriarcal, o trabalho escravo e o modelo agrário-exportador.

No que tange aos relacionamentos entre homens brancos e mulheres indígenas (em seguida, mulheres negras) no período colonial, Mary Del Priore, em *Histórias Íntimas*, salienta que:

A vida cotidiana naquela época era regulada por leis imperativas. Fazer sexo, andar nu ou ter reações eróticas eram práticas que correspondiam a ritos estabelecidos pelo grupo no qual se estava inserido. Regras, portanto, regulavam condutas. Leis eram interiorizadas. E o sentimento de coletividade sobrepuja-se ao de individualidade (DEL PRIORE, 2011, p. 6).

Essas regras estipuladas à sociedade da época são mantidas a fim de regular o modo de agir das pessoas, bem como as ações corretas a serem seguidas em função das atividades portuguesas em terras brasileiras, que tinham como intuito a povoação do território e exportação de riquezas para Portugal. Nessa conjuntura, Boris Fausto (1995, p. 59), em *História do Brasil*, afirma que o Estado e a Igreja eram consideradas “instituições básicas”, em razão dos interesses que pretendiam ser alcançados na colônia. Logo, as regras impostas eram uma alternativa para manter os colonizadores, que estabeleceram morada no Brasil dentro desses padrões estipulados por essas instituições comentadas por Fausto (1995).

Sob essa ótica, estabelece-se consonância entre o romance em análise no tocante a doutrina religiosa, pois a epígrafe do livro se refere a um trecho da carta escrita pelo padre Manuel da Nóbrega para Dom João III, em 1552, conforme Serafim Leite apresenta em *Monumenta brasiliae I* (1956). Nessa carta, o padre descreve a expansão da fé católica na jovem colônia e pede ao rei que envie pessoas cristãs para cultivar a terra. Além dessas demandas, requer-se o envio de mulheres brancas e órfãs para que constituíssem famílias obedecendo aos preceitos religiosos e uma pretensa branquitude, tendo em vista que inúmeros colonizadores estavam sendo corrompidos por manterem relações com “mulheres de cor” (FREYRE, 2006, p. 70). Logo, distanciaram-se dos preceitos considerados corretos pela coroa portuguesa e pela Igreja Católica, como é possível de observar no seguinte trecho:

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-18
----------------------------	-------------	-------	------	------

Já que escrevi a V. A. ha falta que nesta terra há de mulheres com que os homens casem e vivão em serviço de N. Senhor apartados dos peccados em que agora vivem, mande V. A. muitas orfãs e, se não ouver muitas, venham de mestura dellas, e quaisquer, porque são tão desejadas as mulheres branqueas quá, que quaisquer farão quá muito bem à terra, e ellas se ganharão e os homens de quá apartar-se-ão do peccado (NÓBREGA, 1552, p. 2).

Valendo-se dessa afirmação, surge a necessidade do envio de mulheres para que cumprissem com sua função social, respectivamente o matrimônio e a maternidade. Diante dessa perspectiva histórica, é necessário apresentar os apontamentos de Del Priore (2011), que, apesar de se referirem às noções de privacidade, focalizam algumas condições econômicas da colônia:

Podemos olhar pelo buraco da fechadura para ver como nossos antepassados se relacionavam?! De fechaduras, não! Elas custavam caro e o Brasil, na época da colonização, era pobre. Podemos, sim, enxergar através das frestas dos muros, das rachaduras das portas. Por ali se via que a noção de privacidade estava sendo “construída”, estava em gestação. E construída em meio a um ambiente de extrema precariedade e instabilidade (DEL PRIORE, 2011, p. 6).

Esta precariedade e instabilidade são decorrentes da sociedade estabelecida no Brasil com a chegada dos portugueses e das inúmeras dificuldades enfrentadas devido às condições climáticas e do solo, como aponta Freyre (2006). Os portugueses encontravam-se em uma realidade socioeconômica diferente de Portugal, conforme mostra o trecho acima, o que influenciou no processo econômico estabelecido e nos recursos utilizados para construção de fazendas e engenhos. Nessa linha de raciocínio, Oribela descreve que, após a celebração religiosa, transcorrem dias na estrada até chegar à propriedade rural onde Francisco de Albuquerque reside:

[...] Esta é a tua casa. [...] Moravam todos feito uns naturais, num lugar coberto de palmas secas e fortificado de uns paus amarrados. Uns roçados em torno, uma roça distanciosa, ajudada pelo sentido, de onde se podia avistar o longo campo de trás, o da frente, os dos quatro lados, acima e acima do acima [...]
(MIRANDA, 1996, p. 95).

Considerando a ótica de Oribela, é possível relacionar o contexto histórico pelo qual o romance perpassa e as dificuldades enfrentadas com o desprovisionamento de recursos devido à calamidade vivida pelas pessoas no Brasil durante a colonização, como reportado por Del Priore (2011). Na citação acima, se exprime a perspectiva de Oribela frente a esse local dessemelhante de sua terra natal, sendo o primeiro contato dela com a propriedade de Francisco e que serve para corroborar as relações sociais demarcadas pelo fenômeno da casa-grande estudado por Freyre (2006). Noutras palavras, o trecho revela uma espécie de

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-18
----------------------------	-------------	-------	------	------

microorganismo estabelecido entre a casa-grande e a senzala, configurando os processos econômicos, religiosos e de produção agrícola resultantes desse meio. Ademais, a configuração casa-grande representava a inversão entre público e privado, fato que se revela pelas instituições sociais serem centradas na casa-grande. Portanto, quando os desvalidos necessitavam de amparo, deveriam recorrer à casa-grande, que concentrava o poder na colônia sobrepondo-se até mesmo ao poder religioso. Em linhas gerais, o autor salienta que:

A casa-grande, completada pela senzala, representa todo um sistema econômico, social, político: de produção (a monocultura latifundiária); de trabalho (a escravidão); de transporte (o carro de boi, o banguê, a rede, o cavalo); de religião (o catolicismo de família com capelão subordinado ao *pater familias*, culto dos mortos etc.); de vida sexual e de família (o patriarcalismo polígamo); de higiene do corpo e da casa (o “tigre”, a touceira de bananeira, o banho de rio, o banho de gamela, o banho de assento, o lava-pés); de política (o compadrismo). Foi ainda fortaleza, banco, cemitério, hospedaria, escola, santa-casa de misericórdia amparando os velhos e as viúvas, recolhendo órfãos (FREYRE, 2006, p. 36).

Pela analogia da casa-grande se estabelece toda a organização da sociedade, desde os altos das residências mantidas pela família patriarcal, compostas por: “[...] gente casada vinda do reino, quer das famílias aqui constituídas pela união de colonos com mulheres caboclas ou com moças órfãs ou mesmo à toa, mandadas vir de Portugal pelos padres casamenteiros” (FREYRE, 2006, p. 85), até a senzala, onde se encontrava os escravos mantidos pelo trabalho compulsório com o intuito de gerar capital pela produção agrícola. Entretanto, essa organização mantém-se pela figura do patriarca, o senhor de engenho, que conserva a posição e a organização social por meio do poder que exerce a partir de sua figura.

Dessa maneira, essas famílias seguem os princípios do sistema patriarcal. Embora a casa-grande seja característica dos engenhos de cana-de-açúcar estabelecidos no Nordeste do país, Freyre amplia tal organização para as demais regiões, visto que essa formação familiar é consequência “da monocultura escravocrata e latifundiária” (2006, p. 43), estruturada como forma de colonização. Por essa explanação, é notório a relação de poder entre senhores e escravos, possibilitando, no âmbito do romance ora analisado, avaliar o relacionamento de Francisco com seus subordinados:

[...] E ordenou Francisco de Albuquerque, tirassem frutos de árvores de espinho e mais frutas, fizessem boa comida. Aquele boi preto, mandou para ser vendido a um engenho, que estava velho e os gatos o iam comer. Foi dando suas ordens, que se iam os bugres a fazer, trazia cal, breu, azeite e o mais pedido para os serviços das casas e do curral. Trazia esposa, filha da rainha, de modo que se meteram em joelhos por mim, num grande desentendimento (MIRANDA, 1996, p. 95).

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-18
----------------------------	-------------	-------	------	------

Essa relação entre senhores e escravos expressa o poder concentrado na figura do senhor e no modo como se engessam os vínculos afetivos entre possuidores e despossuídos. Sob essa lógica, tornam-se explícitas as ações de Francisco, considerado senhor de engenho, de propriedades e afins, pelo poder concentrado em suas mãos. Entrelaçando-se, nessa perspectiva, com a discussão apresentada por Freyre (2006), uma vez que Francisco detém esse domínio e dele usufrui a fim de perdurar a organização social estabelecida na colônia.

Estas considerações históricas expressam o meio social organizado na colônia, os padrões e leis seguidos pelos colonizadores. Permitindo ao leitor de *Desmundo* identificar, na narrativa de Oribela, o instante da colonização, os interesses da Coroa Portuguesa e da Igreja. Além do matrimônio da protagonista resultante desta ordem que assujeita a mulher, desrespeitando seus sentimentos e anseios.

O CASAMENTO FORÇADO

As circunstâncias históricas manifestadas durante o processo de colonização no Brasil exprimem a posição social intitulada para a mulher, no qual o papel feminino se restringia, ou seja, ao matrimônio e à maternidade, segundo Del Priore, em *Ao sul do corpo* (2009). Ambos são peças chaves na decisão do caminho de inúmeras mulheres no Brasil colônia, transpassadas pelo Estado e pela Igreja em uma espécie de recomendação por meio dos discursos normativos, a fim de domesticar o grupo feminino e internalizar na mente da população para que perdurasse esse estereótipo ao longo dos anos. Este estigma, como discorre a historiadora:

[...] foi pulverizado sobre toda atividade religiosa exercida na Colônia, dando especial sabor normativo aos sermões dominicais, às palavras ditas pelo padre no confessionário, às regras das confrarias e irmandades, aos “causos” moralizantes, aos contos populares, aos critérios com que se julgavam os infratores das normas por intermédio da “murmuração” e da maledicência. A mentalidade colonial foi sendo assim lentamente penetrada e impregnada por esse tipo de discurso (DEL PRIORE, 2009, p. 23).

A mentalidade engessada por intermédio de sermões religiosos contribuiu, assiduamente, para a constituição do papel feminino, culminando “[...] [n]a casa, [n]a família, [n]o casamento e [n]a procriação, na figura da ‘santa-mãezinha’” (DEL PRIORE 2009, p. 23), características estabelecidas para a esfera feminina. Noutras palavras, a mulher é sujeitada a seguir os padrões impostos socialmente pela Igreja e pelo Estado, fechando-se no âmbito do casamento e da procriação. Além disso, ela era determinada a alcançar os objetivos das instituições que geriam o processo de colonização, tais como a: “[...] atividade na defesa do

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-18
----------------------------	-------------	-------	------	------

catolicismo contra a difusão da Reforma protestante [...]” (DEL PRIORE, 2009, p. 22) e “[...] na consolidação de um projeto demográfico que preenchesse os vazios da terra recém-descoberta” (DEL PRIORE, 2009, p. 22). Em suma, a mulher manteve-se como uma peça fundamental para a manutenção dos valores da Igreja, visto que a religião – abalada pela reforma protestante – passava por um momento de enfraquecimento dos seus dogmas. Por outro lado, a falta de mão de obra acarretava, no que concerne à mulher, na imposição da procriação, estendendo-se especificamente para o processo de miscigenação discutido por Freyre (2006), decorrente da relação entre homens brancos e “mulheres de cor” (FREYRE, 2006, p. 70), resultando em mestiços, inseridos na esfera do trabalho compulsório.

Concomitantemente a essa lógica, Freyre (2006) enfatiza que a relação perpetuada pelo processo de miscigenação era fruto da escassez da mulher branca, tornando-se necessário o envio dessas mulheres de Portugal para reverter as proporções que essa relação estava gerando, como já observado acima na carta do padre Manuel da Nóbrega. Entretanto, essa relação não compactuante da miscigenação aproxima os extremos entre a casa-grande e a senzala, gerando as “zonas de confraternização entre vencedores e vencidos” (FREYRE, 2006, p. 33). Ao todo, justifica-se o interesse do Estado e da Igreja no processo de colonização pelos ideais a serem alcançados, como também no estabelecimento das principais instituições ressaltadas por Fausto (1995), em que ambos os lados estavam progredindo, principalmente, pela sujeição da mulher para o alcance de seus interesses.

Visto por esse ângulo, o romance traça a vida de Oribela, que tende a cumprir o fatídico casamento, contrariamente a seus interesses, possível de se observar no momento em que recebe ordens de Dona Brites de Albuquerque, tia de Francisco, para que se case com seu sobrinho. Todavia o descontentamento da personagem revela sua frustração com o rumo que sua vida tomaria, tornado visível, além dos pensamentos, nas ações da personagem:

Caí ao chão em joelhos. Tinha eu parentes muito ricos que por mim poderiam pagar quanto fosse, se me tornassem ao reino, ao que ela respondeu. Pois se és essa que dizes, que pecado foi o teu por onde vieste a tão triste estado como este em que te vejo? (MIRANDA, 1996, p. 59).

Ao expressar sua contrariedade diante do proposto, Dona Brites questiona os motivos que trazem Oribela ao Brasil, tendo em vista que era uma jovem branca, órfã, vinda de Portugal para cumprir o papel social determinado pela Igreja e pelo Estado. À vista disso, esperava-se o cumprimento da função por parte da protagonista. Sua refutação representa uma quebra dos padrões comportamentais aceitos à época, uma vez que a mulher deveria ser submissa ao homem e aceitar sem questionar os caminhos estabelecidos para sua vida. Por essa linha de pensamento, Dona Brites tenta fazer com que Oribela refletisse sobre seu

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-18
----------------------------	-------------	-------	------	------

desinteresse pelo matrimônio. Essa passagem do romance permite a retomada das reflexões feitas anteriormente por Del Priore (2009), no qual a mulher deveria especificamente casar e conservar a sociedade pela procriação, gerando um padrão comportamental a ser seguido na colônia. Oribela acaba, enfim, se casando com Francisco, contrariando seus interesses e desejos, expressos pelos pensamentos da personagem desde o momento que recebe a intimação.

A celebração matrimonial de Oribela e Francisco ocorre ante a presença do Bispo. Inúmeros casamentos também são concretizados no mesmo dia. Apesar dos protestos interiores e descontentamentos de Oribela em relação ao seu próprio casamento, a união matrimonial revela o primeiro passo da personagem feminina em relação a sua função social. A propósito, o discurso do bispo remete a papéis sociais estabelecidos para homens e mulheres: “Os esposos têm poder sobre as esposas e suas filhas, [...]” (MIRANDA, 1996, p. 73). Dessa forma, esse poder associado à figura masculina se reflete nas ações de Francisco contra Oribela. Ela, posteriormente, demonstra desobediência ao que ele impõe, gerando inúmeros momentos conflituosos marcados por agressões e violências por parte dele.

Considerando a citação do parágrafo acima, o matrimônio reflete o meio utilizado para manter a mulher submissa e sujeita ao homem, condizente sobretudo pelo momento histórico no qual os fatos do romance ocorrem. A narrativa destaca a posição imposta à mulher, cujo papel é dar sequência à linhagem genealógica conforme aponta Del Priore (2006).

Antonio Candido (1980), em *Literatura e Sociedade*, discute sobre o modo de analisar os elementos dentro de uma obra de ficção, partindo da utilização dos elementos externos e internos, ao associar como os elementos externalizados se tornam internos por intermédio da narrativa construída ao longo do romance, ou seja, como o contexto histórico entrelaça-se na narrativa a partir de determinados fatores sociais, unindo-se à trama. Dessa forma, o interesse do sociólogo não se concentra na identificação desses elementos fora e dentro do livro, mas no modo como esses elementos são internalizados dentro da narrativa:

É este, com efeito, o núcleo do problema, pois quando estamos no terreno da crítica literária somos levados a analisar a intimidade das obras, e o que interessa é averiguar que fatores atuam na organização interna, de maneira a constituir uma estrutura peculiar (CANDIDO, 1980, p. 5).

Partindo desta contextualização, é possível identificar no romance o contexto histórico como principal elemento externo, o qual torna-se interno na narrativa, na medida em que não permanece na superficialidade, mas é parte integrante da “estrutura do livro” (CANDIDO, 1980, p. 6). Apesar de no decorrer da narrativa o contexto histórico permanecer

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-18
----------------------------	-------------	-------	------	------

como afirmação do século XVI, é necessário levar em consideração a forma como ele se desdobra dentro da narrativa, partindo, portanto, da exposição e direcionando-se para sua explicação. Dessa forma, Candido (1980) enfatiza: “[...] que o *externo* (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, *interno*” (CANDIDO, 1980, p. 4, grifo do autor).

Entretanto, outros fatores sociais presentes na narrativa também se tornam internos, na medida em que a história se apoia nesses componentes para seu desenvolvimento. Sendo este fato possível de se observar no matrimônio da personagem, visto como meio para padronizar o papel da mulher e conservar a sociedade diante do momento histórico da narrativa. A esses fatores sociais, destaca-se a relação hostil entre Oribela e Francisco, em que se evidencia as condições históricas perpassadas pela imposição do casamento à mulher e reforçada pela hierarquia masculina subjugando a mulher.

A RELAÇÃO CONFLITUOSA ENTRE ORIBELA E FRANCISCO

O contato dos dois personagens, a partir do casamento imposto como padrão a ser seguido pela Igreja, limita o papel feminino dentro da organização social na colônia, circunscrevendo a mulher ao casamento e à maternidade. Por essa construção, o romance descreve a relação entre Oribela e Francisco, movida por inúmeros conflitos e comentários violentos contra a esposa, justificados pela permissão do bispo. Nessa perspectiva, as reflexões de Freyre (2006) sobre o fenômeno da casa-grande, espaço do patriarca, são endossadas no romance pela figura de Francisco, que se caracteriza por ser: “[...] Donos das terras. Donos dos homens. Donos das mulheres. [...]” (FREYRE, 2006, p. 38). Era assim que o chefe de família impunha seu poderio sobre a própria família e escravos: proprietário de terra e de gente. No que diz respeito à esposa, Francisco exerce seu poder desde o momento que começam a regressar para a fazenda onde reside e possui terras:

Onde é que estamos indo, que nem se avista mais o mar nem a cidade e nem estrada? Disse Francisco de Albuquerque. Cala tua boca. Se queres trocar palavras comigo, diz no escuro do ouvido e da chegada. Olha em torno e apresenta a teu conhecimento o caminho, que dele irás precisar, seja para ir seja para tornar e apura teus olhares e teus ouvidos, a modo de não tremer de arrepios de medo só por corujas (MIRANDA, 1996, p. 82).

Por esse tratamento dado à esposa, percebe-se um reforço à organização social existente na sociedade da época, na qual a mulher deveria ser submissa ao homem, como também demonstra a autoridade e poder de Francisco, tendo em vista que a mulher deveria

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-18
----------------------------	-------------	-------	------	------

obedecer a ele e realizar o que tinha pedido a ela sem questionar. No trecho citado, Oribela, pelas inquietações e aflições que possui, questiona para onde está indo, em virtude de desconhecer a região habitada por seu marido, porém é tratada de forma rude, justamente pela demonstração de poder de Francisco.

Esse modelo de opressão masculina, que visa expressar a hierarquia social vigente na sociedade brasileira, é abordado por Ricardo Reis, em *A permanência do círculo* (1987). No ensaio, o autor emprega as terminologias centro e círculo, de Octavio Ianni, e núcleo e nebulosa, de Caio Prado Junior, utilizadas para estabelecerem conexões entre sociedade e literatura, buscando “[...] intentar uma compreensão dos personagens do texto literário brasileiro, ancorada no pressuposto de que há uma homologia entre as séries social e literária [...]” (REIS, 1987, p. 32). Nesse raciocínio, os personagens que ocupam o centro ou núcleo dominam e exercem seu poder sobre os seres do círculo e da nebulosa.

No *centro* ou *núcleo* está a figura do senhor e patriarca, junto com os que habitam a casa-grande. Na *nebulosa* ou *periferia*, a bem dizer, todos os restantes. Precisando mais: na nebulosa circulam o índio, o sertanejo, o gaúcho e o negro. Ou seja: nela alinharia categorias étnicas (o negro e o índio) e sociais (o jagunço, o sertanejo e o gaúcho) aglutináveis na medida em que não figuram no *núcleo*, sendo subjugados na base de uma relação de dominação, hierárquica. Efetivamente, os figurantes do núcleo senhorial exercem domínio sobre os da *nebulosa* (REIS, 1987, p. 32, grifo do autor).

Estas terminologias podem ser aplicadas à trama do romance na medida em que a figura masculina, representada por Francisco, está localizada no centro do círculo exercendo seu domínio sobre a figura feminina. As demais personagens que residem na casa-grande e na senzala pertencem à nebulosa. Entretanto, Oribela está mais próxima ao núcleo em razão do matrimônio. Mesmo assim, ela mantém-se submissa, visto que a hierarquia é a característica marcante do patriarcalismo.

Os demais personagens que mantêm contato com a casa-grande, como as naturais que realizam o trabalho doméstico cuidando da casa e das refeições da família, estão situadas, segundo as reflexões de Reis, na nebulosa. A partir disso, a narrativa mostra a hierarquia social tratada por Reis (1987) e, simultaneamente, endossa a realidade da casa-grande discutida por Freyre (2006). Mediante tais constatações, é perceptível no romance a relação de poder existente por parte de Francisco em relação à sua esposa, que não possui liberdade para agir, apesar de orbitar muito próxima ao núcleo. Como Oribela está próxima a quem exerce o poder, dentro da casa ela consegue ter alguma importância. Todavia, apenas lhe é permitido o cuidado com os afazeres domésticos e com os filhos.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-18
----------------------------	-------------	-------	------	------

Em *Desmundo*, Oribela utiliza esse poder quando chega na fazenda: “Antes de entrar na casa, mandei que apagassem as luzes. Achei que devia meter a vela mais pequena do lado do noivo. Mas não havia nem vela nem lado, mesmo, que fosse” (MIRANDA, 1996, p. 95). Por esse excerto, a narradora-personagem impõe seu poder ao modificar algo no espaço privado. Mais adiante, ela exige a construção de um quarto para si sem saber que tal ordem já fora dada pelo marido: “[...] mas me agastei de estar em meio a elas e dei a ordem, levantasse um quarto mais na casa, para mim, do que riu Francisco de Albuquerque, dando conta de que minha ordem era tardia, mandara fazerem a alcova para nossos amores, [...]” (MIRANDA, 1996, p. 96). Fica evidente que Oribela tem seu poder limitado ao âmbito da casa, o qual não se estende para as outras esferas ao longo do romance, reforçando, assim, a hierarquização predominante na sociedade em que ela vive.

Nesse panorama de limitação, Oribela põe-se a contradizer o que se espera de sua posição, quebra os paradigmas ao procurar ultrapassar o círculo doméstico, impondo vontades e atitudes que não se adequam ao padrão comportamental estipulado para a mulher. Esses comportamentos da personagem são motivos para embates violentos com Francisco, que procura contê-la e ameaçá-la. Porém, Oribela não recua. Sua revolta contra a sujeição é o combustível para ir além e fugir da realidade que não corresponde a seus interesses. Dessa maneira, chega a tentar retornar para sua terra natal em uma nau portuguesa. Como a fuga é frustrada, Oribela sofre com a violência do marido:

Partiu Francisco de Albuquerque em seu cavalo, sem tornar atrás os olhos para ver se eu me arrastava ou caminhava, pela estrada, trilhas, lonjuras, espinhos, cascalhos, pedras, sementes, gravetos, estrume, sem paradas para um repouso, sem nunca em esse tempo me dar de comer coisa alguma, nem água, os pés cada vez mais em suas gritas e sangue brotando deles, por todas as léguas entre a cidade e o fortim, horas que pareceram cem anos de inferno, sem respeito por minha pena, sem ouvido por minhas súplicas, bem afrontada e chorando minhas desventuras (MIRANDA, 1996, p. 113).

Ao realizar sua primeira fuga, Oribela sofre os resultados de suas ações. Ela é coagida pela força de Francisco que emprega violência física para impor a ela o respeito que ele supõe que deva ter por ele. Em resumo, Francisco demonstra a Oribela que existem padrões a serem seguidos. Logo, dentro desta hierarquia, a rebeldia de Oribela se tornava inaceitável. Vale observar que o respeito ao pai, ao irmão, ao marido fazia parte das relações hierárquicas da sociedade patriarcal na qual a personagem existe. Reis comenta que: “As meninas criadas em ambiente rigorosamente patriarcal [...] viveram sob a mais dura tirania dos pais - depois substituída pela tirania dos maridos” (REIS, 1987, p. 27).

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-18
----------------------------	-------------	-------	------	------

Não bastassem as inúmeras agressões e violências sofridas durante o trajeto por Oribela até a casa, essa crueldade tende a persistir na residência: “Em casa amarrou com a corda me prendendo aos pés do catre, onde me fez deitar e disse em voz mansa como esquecido da raiva. Vem uma mulher te curar” (MIRANDA, 1996, p. 113). Fica evidente que a fagulha de poder que Oribela tinha dentro de casa é substituída pelo seu trancafiamento em um quarto da casa, reprimindo-a. Por outro lado, essas medidas tomadas por Francisco contribuem para as próximas fugas da mulher, não deixando ela se abalar pelas imposições de seu marido, posto que seus pensamentos não mudam ou sofrem alterações ao longo da narrativa.

A RUPTURA DOS PADRÕES SOCIAIS PELA ÓTICA DA NARRADORA PERSONAGEM

Pelo fato de o romance ser escrito em forma de diário, os pensamentos estão constantemente presentes durante as ações cotidianas e os relatos feitos pela narradora-personagem, sendo por meio dessas descrições que os sentimentos de Oribela tornam-se visíveis, bem como suas vontades e objetivos. Assim, faz-se necessário voltar aos relatos que dizem respeito a seu casamento, quando ela tenta encontrar motivos para se autoconvencer da bondade religiosa para a posição em que se encontra, uma vez que tem a possibilidade de se casar, permitindo um lar para morar e alguém para cuidar de si, sem permanecer à mercê da sociedade:

E me deu uma tristeza funda, repetida, sem remédio, feito doença incurável, uma pobre à míngua. Não podia eu entender a fortuna? Deus fora bom para mim, me salvava das garras da liberdade que era órfã largada no mundo, sem asas e agora coberta de caridade do Senhor e seu amor aos pobres, tinha esposo, amparo, não entendia, embora houvesse no fundo alguém em mim que entendesse, sempre em meu ser um outro ser, que eu nem via direto, [...] (MIRANDA, 1996, p. 74).

A partir dos pensamentos conflitantes da própria personagem, é observável a tentativa de encontrar razões para se autoconvencer, utilizando-se da situação social antes do casamento e da que passa a ter quando contrai núpcias. Neste dilema vivido por Oribela, além da figura de Deus ser vista como uma salvação, ela se sente como uma pobre e órfã deixada no mundo, sendo o casamento uma alternativa para se salvar. O matrimônio representa a ela não poder viver a liberdade. Visto por outro ângulo, ela teria amparo a partir do matrimônio. Por esse viés, a personagem tende a buscar respostas dentro de si para se justificar e entender seu percurso, mas sua ótica diante do “desmundo” que passa a viver reflete na contrariedade e tende a crescer largamente na necessidade e ânsia por retornar a sua terra e sua antiga vida no mosteiro.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-18
----------------------------	-------------	-------	------	------

Ao contrariar os padrões sociais impostos à mulher no século XVI, Oribela representa, de acordo com as reflexões de Reis (1987), uma ruptura do círculo. Suas ações que questionam o marido fratura o círculo, promove o esboroamento da hierarquia predominante em que “naturalmente” a mulher se submete ao homem. Por conseguinte, esse colapso da ordem patriarcal, promovido por Oribela, aos poucos tende a aumentar, uma vez que as ações e pensamentos de Oribela chocam-se com os padrões sociais. Em sua concepção, o papel destinado às mulheres casadas era questionável: “Era esposa. Se perguntassem dizia que não, pois não temo o castigo nem a humilhação, soube de uma mulher que se negou a casar e teve suas mãos e pés cortados, foi mandada ao mosteiro” (MIRANDA, 1996, p. 75). Indo de encontro à violência e ao castigo que seus atos representam, Oribela não teme e, até mesmo quando sofre fisicamente essas punições, mantém seus objetivos, portanto começa a pôr em xeque o centro do círculo. Nem mesmo as punições que Francisco lhe inflige a impede de voltar-se contra os valores patriarcais.

Essas ações de Oribela culminam no enfraquecimento da hierarquia social rudemente mantida pelo marido e causam impacto nos padrões comportamentais que lhe são impostos, revelando o grau de prepotência masculina que caracterizava a organização social estabelecida naquela época, que resultam em diversos conflitos entre Oribela e Francisco.

Oribela vê na fuga a oportunidade de retornar a sua casa. Todavia, Francisco alcança-a antes de ela conseguir entrar no navio, acarretando em punições severas. Como mencionado anteriormente, Francisco procura coibir revoltas e fugas da mulher encarcerando-a na própria casa:

Passando uns dias lhe pedi liberdade, mas disse ele liberdade em mim era espada na mão de menino e ali fiquei no catre, sem Francisco de Albuquerque me visitar de dia nem de noite, [...] de mim não teria mais que a raiva (MIRANDA, 1996, p. 113).

A liberdade negada contribui para as próximas fugas de Oribela, que, desde o primeiro contato com Francisco, sente repulsa e náuseas ao simples tocar de suas mãos. Tais sentimentos reforçam em Oribela o interesse e a necessidade extrema de fugir daquele mundo dessemelhante de sua terra natal que se abriu para si ao chegar no Brasil. Sua contrariedade provoca uma fissura no centro do círculo, onde Francisco demarca seu poder. A despeito de ocupar o núcleo e usar a violência como instrumento de tentativa de controle da esposa, ele não consegue deter Oribela, não a sujeitando a permanecer à sua mercê. Contrapondo-se à lógica patriarcal e masculina, Oribela fere a hierarquia social ao agir e expor seus pensamentos contrariando o indicado e traçando sua própria trajetória com o intuito de alcançar os próprios desejos.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-18
----------------------------	-------------	-------	------	------

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise deste artigo concentrou-se no romance *Desmundo*, de Ana Miranda (1996). O cerne principal da discussão centrou-se em focar algumas marcas patriarcais presentes ao longo da narrativa, sendo, especificamente, o matrimônio de Oribela e Francisco de Albuquerque e a ótica contrariada da personagem frente ao cotidiano que passa a frequentar.

É necessário pontuar que o contexto histórico é a base fundamental para a compreensão dos moldes e perspectivas apresentadas ao longo da narrativa. Dessa forma, as reflexões abordadas por Candido (1980), a respeito da internalização da condição histórica no romance, corroboram os caminhos pelos quais a narrativa percorre. Levando em conta a internalização dessa base histórica no romance, elementos como o entrelaçamento e a afirmação do momento em que o romance transcorre contribuem para a internalização desses fatores sociais do século XVI no romance em estudo.

Dentro de um viés histórico, as marcas patriarcais analisadas durante o artigo apoiaram-se nas contribuições de Del Priore (2009; 2011) sobre as perspectivas históricas e as regras de coerção estabelecidas para as mulheres. Ainda no campo da História, Fausto (1930) endossa algumas informações históricas relevantes e necessárias para o momento em que a narrativa acontece, permitindo ao leitor situar o contexto do romance e as implicações causadas na forma como Oribela e Francisco agem e se relacionam. Freyre (2006), por sua vez, salienta a formação social dentro da lógica da casa-grande e do período inicial de colonização do país, ambos representados na obra.

Dos apontamentos de Reis (1987), foram utilizados sobretudo as terminologias centro e círculo e núcleo e nebulosa. Tais termos servem para apreender a hierarquia social presente na sociedade da época tão bem caracterizada no romance. Tais elementos permitiram reflexões sobre as fissuras do centro do círculo, dando-se ênfase às ações de Oribela que visaram ferir o núcleo ao agir contrariamente às regras comportamentais que o contexto histórico em que vive julga inaceitáveis por serem engendradas por uma mulher. Questionando a hierarquia e a ordem patriarcal e masculina, a protagonista procura trilhar o próprio caminho apesar das punições e violências sofridas. Por conseguinte, constata-se que *Desmundo* realiza a aproximação entre o mundo do século XVI e o de Oribela e Francisco, evidenciando o conflito entre masculino e feminino, público e privado, uma vez que as discrepâncias e interesses de cada lado não são semelhantes, resultando a fratura da ordem patriarcal que acreditava ser hegemônica.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-18
----------------------------	-------------	-------	------	------

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. Crítica e sociologia. In: CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade:** estudos de teoria e história literária. 6 ed. São Paulo: Nacional, 1980, pp. 3-15.

DEL PRIORE, Mary. **Ao sul do corpo:** condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil Colônia. São Paulo: Editora UNESP, 2009, pp. 21-31.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas:** sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: Planeta, 2011, pp. 6-10.

LEITE, Serafim. [Carta] 47: do Padre Manuel da Nóbrega a D. João III Rei de Portugal (1552). In: LEITE, Serafim. **Monumenta brasiliae I** (1538-1553). Coimbra: Tipografia Atlântica, 1956, pp. 343-347.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995, pp. 35-62.

FREYRE, Gilberto. Características gerais da colonização portuguesa do Brasil: formação de uma sociedade agrária, escravocrata e híbrida. In: FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala:** formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global, 2006, pp. 29-117.

MIRANDA, Ana. **Desmundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

REIS, Roberto. O estreito círculo. In: REIS, Roberto. **A permanência do círculo:** hierarquia no romance brasileiro. Niterói: EDUFF; Brasília: INL, 1987, pp. 19-51.

Recebido em: 05/05/2024

Aceito em: 06/07/2024

Publicado em: 30/09/2024

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-18
----------------------------	-------------	-------	------	------

PATRIARCHAL MARKS PRESENT IN ORIBELA'S TRAJECTORY IN THE NOVEL *DESMUNDO*

Júlia Mengues Picolotto

Universidade Tecnológica
Federal do Paraná (UTFPR)

juliamenguespicolotto@alunos.utfpr.edu.br

Marcos Hidemi de Lima

Universidade Tecnológica
Federal do Paraná (UTFPR)

mhlima@professores.utfpr.edu.br

ABSTRACT

The corpus of this study is the novel *Desmundo*, by Ana Miranda (1996), portraying the 16th century from the perspective of Oribela, a narrator-character who arrives in Brazil on a Portuguese ship. Through the narrative, we follow the protagonist's mishaps and experiences, as well as her thoughts and interests in the face of the unknown world that reveals itself from the moment she arrives on Brazilian soil. Therefore, the objective of this study is to analyze patriarchal marks in Oribela and Francisco de Albuquerque marriage and the perspective of the character herself in relation to the changes involving her existence in such a diverse environment. Theoretically supporting this discussion are Mary Del Priore (2009; 2011), Boris Fausto (1995), Gilberto Freyre (2006) and Roberto Reis (1987), whom we limited to the historical context and literary aspects in the novel. In addition to these authors, this study is based on Antonio Candido's (1980) reflections on text and context and the internalization of patriarchal values in the narrative. As a result of the discussions, it presents an outline of the masculine logic of the 16th century and the situation of oppression experienced by Oribela.

Keywords: Marriage; Relationship between the Characters; Narrator-character's Perspective.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-18
----------------------------	-------------	-------	------	------

LAS MARCAS PATRIARCALES PRESENTES EN LA TRAYECTORIA DE ORIBELA EN LA NOVELA *DESMUNDO*

Júlia Mengues Picolotto

Universidade Tecnológica
Federal do Paraná (UTFPR)

juliamenguespicolotto@alunos.utfpr.edu.br

Marcos Hidemi de Lima

Universidade Tecnológica
Federal do Paraná (UTFPR)

mhlima@professores.utfpr.edu.br

RESUMEN

El corpus del presente estudio es la novela *Desmundo*, de Ana Miranda (1996), que retrata el siglo XVI desde la perspectiva de la narradora-personaje Oribela, que llega en Brasil en un barco portugués. A través de la narrativa, seguimos los percances y experiencias de la protagonista, así como sus pensamientos e intereses ante el mundo desconocido que se le revela desde su llegada a tierras brasileñas. Se trata, pues, de utilizar esta novela para analizar algunas marcas patriarcales en el casamiento de Oribela y Francisco de Albuquerque y la propia perspectiva del personaje ante los cambios que rodean su existencia en un entorno tan diverso. Esta discusión cuenta con el apoyo teórico de Mary Del Priore (2009; 2011), Bóris Fausto (1995), Gilberto Freyre (2006) y Roberto Reis (1987), en lo que se refiere al contexto histórico y a los aspectos literarios de la novela. Además de estos autores, el trabajo se basa en las reflexiones de Antonio Candido (1980) sobre texto y contexto y la internalización de los valores patriarcales en la narrativa. Como resultado de las discusiones realizadas en este artículo, se presenta un esbozo de la lógica masculina del siglo XVI y de la situación de opresión vivida por Oribela.

Palabras-clave: Casamiento; Relación entre los Personajes; Perspectiva Narrador-personaje.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfnas, MG	v. 13	n. 1	1-18
----------------------------	------------	-------	------	------